

# Alguns não aceitam remoção

Na invasão da 110/111 Norte, nem todos decidiram se cadastrar para morar em Brasilinha. O clima de inquietação prevalece entre os que ficam nos barracos. Entre as que se revoltam com a remoção há aqueles que decidiram permanecer a qualquer preço. «Eu só saio daqui quando o trator passar por cima do meu barraco», afirma Magnobaldo da Silva membro da comissão de Moradores da Invasão. Outros estão amedrontados com as consequências de ficarem no local. «Será que vão destruir a invasão mesmo?» pergunta Elene da Silva. Entre as quase 500 famílias que moram na invasão, somente 110 aceitaram a remoção para Brasilinha. Cerca de 108 pessoas voltaram para seus Estados de origem. Os outros permanecem aguardando.

José Luiz Pereira não sabe se vai ou se fica. Está sem destino. Ele diz que chegou à Brasília há dois meses e se instalou na invasão. José Luiz esclarece que veio para

passar, mas decidiu ficar na invasão, morando com uma família de 13 pessoas, acomodados num barraco de sala, cozinha e quarto. Em Brasília, ele vive de apanhar lixo, ganhando eventualmente Cz\$ 500. «Acredito que acabo voltando para Januária, em Minas Gerais, para tentar a vida como pedreiro, com um salário de Cz\$ 1,8 mil, como fazia antigamente».

## Sem destino

O mesmo pensa José da Silva, 72 anos, que não quer ir para Brasilinha, porque não há condições de moradia, afirma ele. «Ouvi dizer que lá tem é muita cobra e não tem água», declara descontraído. Se não puder ficar na invasão, e o governo não der terra no DF, José da Silva, pai de cinco filhos e avô de dois meninos diz que volta para Januária. Até o problema se resolver, fica na invasão catando lixo e ganhando Cz\$ 200. José da Silva é desempregado, e alega que nenhum serviço o aceita, por estar muito velho.

Os cadastrados que desistiram de morar em Brasilinha também não sabem o destino que vão ter. Jacina Machado e Antônio Pires, recém-casados, desistiram de ir para o local destinado ao assentamento por não conhecerem o lugar. Jacina afirma que pode não gostar de Brasilinha, e então será tarde para voltar à invasão. «Vou perder o meu barraco. Prefiro ir ficando, e ver se o governo providencia a terra no DF para a gente morar», afirma.

A principal tática usada por aqueles que desistiram de morar em Brasilinha é tapar o número do barraco. Foi o caso de Grijalba Alves Rodrigues, porteiro do Garvey Park Hotel, que mora na invasão, recebendo um salário de Cz\$ 3 mil. Cadastrado há 15 dias Grijalba desistiu de morar em Brasilinha, com sua mulher e seu filho de oito meses, pois acha que não há condições de moradia num lugar onde falta luz, água, e é muito distante de seu local de trabalho.